



CARTA MENSAL



Gilberto Kfourir Jr.
CIO BNP Paribas Asset Management Brasil

#julho/2023

“Ao longo do mês de julho, o mercado internacional operou em tom benigno para os ativos de risco, com um fortalecimento das bolsas e commodities, embora o dólar e os juros americanos tenham apresentado um comportamento mais errático, caindo na primeira metade do mês e revertendo o movimento posteriormente. Tais variações de preços refletiram diversos desdobramentos macroeconômicos, como o recuo da inflação dos EUA, uma postura menos dura dos Bancos Centrais de países desenvolvidos – destaque para o Fed e o ECB - em relação ao aperto monetário futuro, além da sinalização de novas políticas de estímulo vindo da China.

As economias emergentes têm se beneficiado dessa inflexão no aperto monetário dos países desenvolvidos. Países da Latam, como o Chile e o Brasil, que se adiantaram no processo de alta de juros, agora também estão sendo pioneiros no movimento inverso, sob esse pano de fundo externo benigno.”

ECONOMIA INTERNACIONAL

Ao longo do mês de julho, o mercado internacional operou em tom benigno para os ativos de risco, com um fortalecimento das bolsas e commodities, embora o dólar e os juros americanos tenham apresentado um comportamento mais errático, caindo na primeira metade do mês e revertendo o movimento posteriormente. Tais variações de preços refletiram diversos desdobramentos macroeconômicos, como o recuo da inflação dos EUA, uma postura menos dura dos Bancos Centrais de países desenvolvidos – destaque para o Fed e o ECB - em relação ao aperto monetário futuro, além da sinalização de novas políticas de estímulo vindo da China.

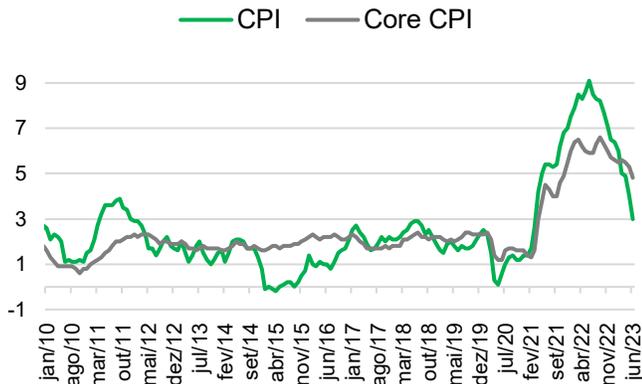
Nos Estados Unidos, os dados de atividade continuaram surpreendendo positivamente, com o PIB do 2º trimestre avançando 2,4% QoQar, contando com um avanço de 1,6% QoQar no consumo. A demanda tem se mantido resiliente apesar do aperto monetário feito até então. Isso, porque o mercado de trabalho segue pujante, com uma criação de 187 mil vagas de emprego em julho, além de contar com um excesso de poupança acumulado ao longo da pandemia e com o efeito riqueza gerado pelo avanço do mercado de ações.

O desempenho positivo da atividade tem andado lado a lado com o arrefecimento da inflação. A leitura de junho do CPI (indicador de inflação) mostrou não só uma desaceleração mais acentuada, caindo 0,5 pontos para 4,8 YoY%, como também uma melhora na composição, com itens mais persistentes como serviços começando a dar sinais de melhora.



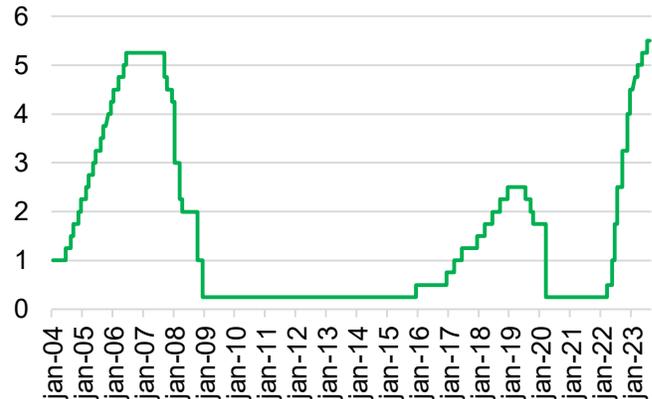
“O mercado de trabalho segue pujante, com uma criação de 187 mil vagas de emprego em julho.”

Gráfico 01
US CPI YoY



Fonte: Bloomberg. Elaboração: BNPP AM Brasil. Data base: 31 de julho de 2023.

Gráfico 02
FOMC



Fonte: Bloomberg. Elaboração: BNPP AM Brasil. Data base: 31 de julho de 2023.

Isso possibilitou o FOMC a adotar uma postura mais moderada na última reunião, na qual Powell não se comprometeu com elevações futuras de juros e informou que os próximos passos dependerão da evolução dos dados.

Em tom similar, a presidente do Banco Central Europeu, Lagarde, sinalizou a possibilidade de uma pausa do aperto monetário na reunião de setembro, embora tenha feito a ressalva de que a pausa não exclui a possibilidade de novas altas posteriormente. Essa postura mais moderada também reflete uma preocupação com a desaceleração da atividade na Zona do Euro, ainda que o PIB do 2º tri tenha surpreendido positivamente, com crescimento de 0,3% no trimestre.

Além do Fed e do ECB, outros bancos centrais desenvolvidos também assumiram uma postura mais branda em relação ao aperto monetário, o que indica ser um ponto de inflexão do movimento sincronizado de elevação de juros diante da melhora na dinâmica inflacionária no mundo. Vale o destaque para o banco central da Austrália, que manteve a taxa de juros inalterada ante uma expectativa de elevação, e para o banco central da Inglaterra, que desacelerou o ritmo de aperto de 50bps para 25bps, com um membro votando para uma pausa.

ECONOMIA BRASILEIRA

As economias emergentes têm se beneficiado dessa inflexão no aperto monetário dos países desenvolvidos. Países da Latam, como o Chile e o Brasil, que se adiantaram no processo de alta de juros, agora também estão sendo pioneiros no movimento inverso, sob esse pano de fundo externo benigno. O banco central do Chile cortou a taxa de juros em 100bps para 10,25%, surpreendendo a expectativa de mercado de um corte de 75bps, ao passo que o COPOM optou por um corte de 50bps, enquanto o mercado se dividia entre o corte de 50 bps e de 25 bps.

Alguns desdobramentos domésticos foram fundamentais para permitir esse início de flexibilização monetária aqui no Brasil. A tramitação do arcabouço fiscal contribuiu para a diminuição das incertezas acerca da trajetória de dívida, levando a uma redução do risco de nossos ativos. Outro fator determinante foi a manutenção da meta de inflação em 3% pelo CMN para os próximos anos. O risco dessa mudança pressionava as expectativas de inflação, que apresentaram uma queda significativa após a reafirmação dos 3%.



“O último IPCA-15 registrou uma inflação de 3,2%, próxima a meta, contando com uma composição benigna”

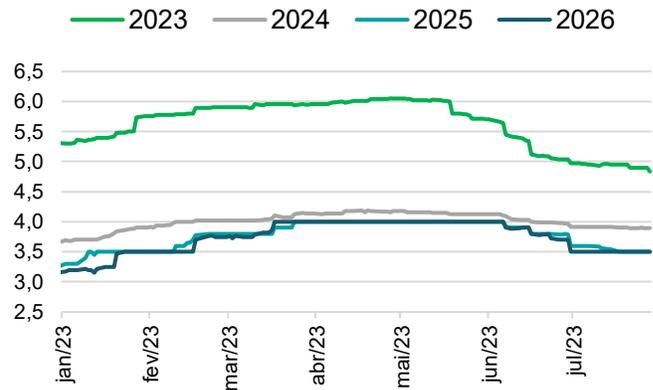
Além desses dois pré-requisitos para destravar o corte de juros, observamos conjuntamente um quadro de melhora expressiva da inflação. O último IPCA-15 registrou uma inflação de 3,2%, próxima a meta, contando com uma composição benigna. A média dos núcleos tem apresentado uma trajetória forte de queda e a difusão (medida de quantos itens da cesta de bens apresentaram inflação) caiu para baixo de 50%, níveis observados apenas em 2019, quando a inflação estava controlada em 3%. Na ponta, observamos deflação em alimentos e em bens industriais, ao mesmo tempo em que serviços seguem desacelerando.

Considerando todos esses fatores, o BC cortou a taxa Selic para 13,25% em uma decisão dividida pelo comitê, com 4 membros votando para um corte de apenas 25 bps, enquanto os demais membros, incluindo o presidente Robert Campos, votaram para o corte de 50 bps. Adicionalmente, os membros decidiram de forma unânime que o próximo corte será da mesma magnitude.

Diante dessa postura mais incisiva do nosso BC sobre os cortes de juros, mudamos nossa projeção de Selic para 11,25% ao final desse ano (de 12% anteriormente), com mais um corte de 50 bps na próxima reunião, mas acelerando para -75 bps nas duas reuniões posteriores. Além disso, reduzimos nossa projeção de taxa terminal em meio ponto para 8,5%, ainda em linha com o comunicado do BC de manter a Selic ainda em patamar restritivo, visto que as expectativas de inflação ainda não se encontram totalmente ancoradas em 3%.

Gráfico 03

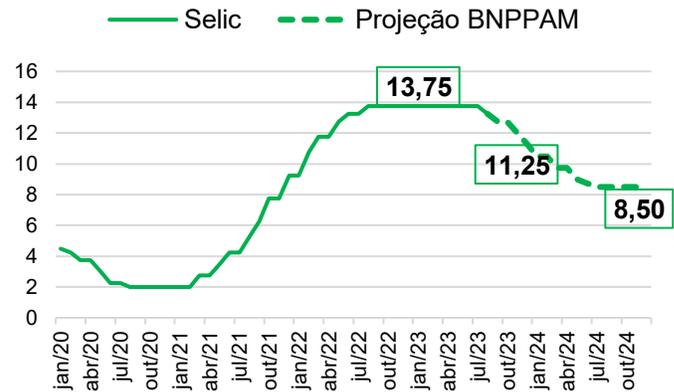
Foco: Mediana das Expectativas de Inflação por Ano



Fonte: Banco Central do Brasil. Elaboração BNPP AM Brasil. Data base: 31 de julho de 2023.

Gráfico 04

Taxa SELIC



Fonte e Elaboração: BCB e BNPP AM. Data base: 31 de julho de 2023.

Andressa Castro
Economista-chefe



RENDA FIXA E MULTIMERCADO

COMPORTAMENTO DO MERCADO

Os índices de renda fixa sofreram alguma correção e terminaram todos abaixo do CDI, ainda que positivos. Destaque para o IMA-B5+ +0,73, IRF-M +0,89%, IMA-B5 +0,97%. O BNP RF fechou em +1,12%, superando CDI de 1,07%.

NOSSA VISÃO

A economia americana passa por um momento benigno, com atividade ainda forte, mercado de trabalho aquecido e inflação arrefecendo, o chamado cenário “goldilocks”, via de regra associado a boa performance de ativos de risco. O Fed elevou os juros em 0,25bps e deixou o futuro em aberto, dependente dos dados até a próxima reunião, o que reforça a percepção de proximidade de final de ciclo. O risco permanece o cenário em que o Fed mire a inflação de 2% de fato, o que exigira mais altas do que se espera atualmente.

No Brasil, seguiu-se o fluxo positivo de notícias, com andamento do arcabouço fiscal no Senado, aprovação da reforma tributária na Câmara, a inflação que seguiu em tendência de queda – entrando em território deflacionário em junho – em contexto externo favorável, como dito acima. Além disso, a atividade econômica mantém uma certa resiliência, com destaque para o mercado de trabalho muito saudável a despeito do aperto monetário. São elementos que tem propiciado o bom desempenho dos ativos locais.

Com isso, o Banco Central do Brasil iniciou o ciclo de queda da Selic com 50bps, levando-a para 13,25%. Baseou-se fundamentalmente na melhora do quadro inflacionário, sobretudo nas expectativas futuras. Para frente, antecipou movimentos adicionais na mesma magnitude, um ciclo gradual em passos de 50bps. O placar de 5 a

4 revelou que a ala mais técnica (derrotada) defendia um movimento de menor magnitude nessa reunião, mas curiosamente a ala concordou antecipadamente com o passo de 50 em setembro. Com o ciclo enfim inaugurado, acreditamos na preponderância dos fatos para definição dos passos futuros, bem como do ciclo total de corte. Ou seja, a dinâmica inflacionária determinará como e até onde a Selic cairá, ainda que o BC tente guiar retoricamente o mercado.

Em termos de riscos, os preços de commodities tem subido na margem, o que pode ofuscar a desinflação em curso, caso persista. O comportamento do BRL é outra variável chave, à medida que o carregamento está caindo e cairá mais, diminuindo a atratividade da moeda brasileira. Por fim, o fenômeno climático El Niño tem potencial altista nos preços, a depender da intensidade e dos impactos no regime de chuvas, ou seja, muito incerto a priori.

Continuamos otimistas com os ativos locais. Temos um cenário benigno para inflação no curto prazo, que deve prolongar o fechamento da curva de juros. Além disso, a precipitação em início de ciclos de quedas historicamente subestima o realizado, o que parece razoável dado que há incerteza e, portanto, um prêmio embutido. Outro aspecto a se considerar é a tendência de a curva ganhar inclinação conforme o ciclo avança, à medida que os curtos são mais sensíveis ao ciclo e os longos passam a incorporar altas em algum momento.

As posições aplicadas em pré-fixado e NTN-B na região intermediária da curva foram mantidas.

MOEDAS

A alta dos juros americanos foi seguida por valorização do dólar contra os pares, levando o BRL a se depreciar no início do mês. Na sequência, o bom momento local fez com que a moeda revertisse as perdas, vindo abaixo de 4,75. Seguimos vendidos em dólar contra real, mas reconhecemos que a queda da Selic deve trazer um cenário mais volátil a moeda nos próximos meses.



Michael Kusunoki
Head Renda Fixa & Multimercados

CRÉDITO PRIVADO

Os ativos de crédito privado tiveram desempenho positivo em julho, deixando para trás as oscilações pós eventos de janeiro de 2023. Resta no mercado a diferenciação entre ativos mais alavancados operacionalmente que continuam tendo desempenho inferior.

O mercado secundário continua com boa liquidez, servindo a sua proposta de refletir as condições de liquidez e crédito de forma mais precisa e rápida.

O mercado primário foi mais escasso em julho, talvez refletindo o período de férias escolares. A menor oferta também ajudou a impulsionar o fechamento dos spreads. Notamos mudança no perfil das emissões, com busca por prazos mais longos. Em função da menor oferta, não temos ainda uma avaliação definitiva se os prazos maiores serão a tendência daqui para frente, mas os investidores parecem buscar mais retorno e demonstram estar disposto a alongar prazos. Confirmada esta tendência, achamos que veremos nova rodada de fechamento de spreads ao longo de agosto. Adiantamos também que não temos interesse em participar desta “corrida” por retorno nos níveis de preço atualmente praticados.

Com relação às nossas carteiras que investem primordialmente em ativos indexados ao CDI, no mês de julho, continuamos as alocações em ativos com prazo entre 24 a 36 meses, ainda de forma muito seletiva e de modo que o prazo médio das carteiras fique dentro das faixas que estabelecemos, com prazos relativamente controlados, mas com otimização do yield da carteira. Manter a estratégia taticamente em modo conservador segue justificada pelos riscos percebidos: a incerteza sobre o novo arcabouço da política fiscal brasileira, o desenho final do sistema tributário brasileiro, o efeito retardado do aperto monetário nos mercados desenvolvidos e a persistência da inflação global e local.

Na nossa estratégia de infraestrutura, mantivemos a alocação em risco IPCA ao redor de 90% e duration superior ao IMA-B5 com menor alocação em títulos até 2025. O comportamento dos ativos indexados ao IPCA tem produzido retornos superiores ao CDI nos últimos meses. Com o início do ciclo de afrouxamento monetário no Brasil, achamos que os ativos indexados ao IPCA com duration na região do IMA B5 continuarão a ter bom desempenho. Pontuamos mais uma vez que o nível atual dos spreads, mesmo que menores que os observados no início do ano, associado ao nível ainda elevado da curva de juros real torna os ativos de infraestrutura extremamente atraentes.



Fábio Oliveira
Head de Crédito Privado

RENDA VARIÁVEL

Em julho os mercados globais continuaram em tendência positiva após a divulgação dos dados de emprego e produção industrial nos Estados Unidos, que vieram mais fortes do que o esperado. Além disso, os mercados seguem com uma expectativa de que o ciclo de aperto monetário do FED está chegando ao fim. Deste modo, o Índice S&P fechou o mês em alta de 3,11%, enquanto o Euro Stoxx subiu 1,64% e o MSCI World registrou uma alta de 3,29%. Os mercados emergentes também acompanharam essa tendência de alta, com o MSCI Emerging Markets subindo 5,80% no mês, auxiliado pela forte performance dos mercados na China. No segmento de commodities, observamos uma recuperação nos preços em julho, com o minério de ferro registrando uma alta de 1,42% e o petróleo subindo 15,80%.

No mercado local, os ativos de risco mantiveram movimento de alta em julho, subindo 3,27% e fechando o mês acima dos 120 mil pontos. Esse movimento foi causado principalmente pelo movimento das empresas do setor de energia, que acompanharam a alta do preço do petróleo no mercado internacional. Acompanhando esse movimento, o Índice Small Caps fechou o mês com uma alta de 3,12%. Continuamos com o cenário de apetite a risco refletido nos nossos portfólios, como mencionado em cartas anteriores. Além disso, selecionamos não apenas ativos com maior duration (empresas de crescimento), como também aumentamos a participação de Small Caps em nossa carteira. Acreditamos que a combinação de um cenário macroeconômico favorável, baixa participação dos investidores em ações e valuation atrativo nos leva a ter maior disposição para correr riscos.

No entanto, é importante monitorar alguns riscos deste cenário de maior apetite a risco, como a política monetária, fiscal, riscos específicos e aversão global ao risco.

Em relação à política monetária, devemos considerar a possibilidade de uma inflação mais rígida devido ao aumento dos preços do petróleo e de grãos, bem como a possibilidade de medidas para-fiscais no caso de atividade econômica desacelerando ou o congelamento de crédito. Além disso, há o risco de aumento das taxas de juros.

No âmbito fiscal, devemos estar atentos ao abandono da meta de superávit primário, à possibilidade de o legislativo não aprovar medidas importantes ou à falta de avanço na reforma tributária. Também é importante considerar a possibilidade de aumento da carga tributária para as empresas de capital aberto.

Em relação aos riscos específicos, devemos acompanhar a decisão do STF sobre a presença de conselheiros do governo na Eletrobrás.

Por fim, em relação à aversão global ao risco, devemos considerar a possibilidade de uma queda significativa no índice S&P e taxas de juros reais ainda mais elevadas no mundo.

Todos esses riscos estão sendo discutidos regularmente entre nossas equipes. Embora reconheçamos a existência desses riscos e a importância de monitorá-los, atualmente não vemos um cenário assimétrico que nos leve a reduzir nosso apetite.



Marcos Kawakami
Head Renda Variável



FUNDO DE FUNDOS

Em julho, seguimos com a tônica vista no mês anterior de um cenário mais positivo, embasado por inflações declinantes e atividades surpreendentes a partir de serviços. Apesar das curvas de juros em elevação das economias desenvolvidas, principalmente Estados Unidos, os ativos de risco como Bolsas seguiram o movimento de apreciação. Nasdaq (4,05%), EuroStoxx (1,64%) e S&P500 (3,11%). No cenário local, assim como nos mercados desenvolvidos, a curva de juros teve um comportamento mais volátil durante o mês mesmo com a aproximação da reunião do Copom e também pressionada pela alta volatilidade das Treasuries em sua interminável discussão acerca da magnitude da desaceleração da economia, se alguma. Na parcela de Bolsa, os índices seguiram positivos no mês, Ibovespa (3,27%) e Small Caps (3,12%).

Nos EUA, não é de hoje que falamos que a atividade segue surpreendendo. A economia de fato está muito resiliente, principalmente do mercado de trabalho (serviços). O FED elevou a taxa de juros em 25 bps em julho, como já era esperado pelo mercado e focará na evolução mês a mês entre suas reuniões. O mercado espera que, nos próximos dados econômicos, a inflação mostre uma reação ao aperto monetário e que para o Banco Central Americano, a próxima reunião possa ser de manutenção. Porém se os dados não demonstrarem o esperado, o FED possui na manga uma alta adicional ainda esse ano. Na Europa, a autoridade monetária apresenta similar cautela e dependência dos dados em um ambiente ainda não definido de atividade e inflação. O mercado ainda não descarta mais duas altas esse ano, mesmo com uma pausa entre as reuniões.

Na China, a reunião do Politburo no final do mês corrobora as expectativas de mais estímulos no setor de imóveis e auxílio financeiro para a rolagem de dívidas. Entretanto, não houve anúncio de programas relevantes que possam mudar o quadro de crescimento estruturalmente declinante.

No cenário local, a dinâmica positiva também perdura. O mercado de trabalho segue favorável na parte de serviços além do agronegócio, com a taxa de desemprego próxima às mínimas e a inflação segue mostrando desaceleração, principalmente na parte de bens e alimentos. A normalização das cadeias globais e arrefecimento do crescimento Chinês também reduzem o preço das commodities. Com isso, a reunião do Banco Central no início do mês estava dividida entre corte de 25 ou 50 bps, com a 2ª opção cacifada em um apertado 5x4 votos. Entre os pontos a serem observados, temos a prática de política de preços da Petrobras em um cenário de alta do petróleo e a potencial desvalorização cambial trazida pela queda dos juros, poderia gerar um pass through para as

expectativas de inflação no médio/longo prazo.

No mês passado, falamos sobre os movimentos de incremento de risco que realizamos em nossas carteiras e suas contribuições positivas para os resultados. Conforme descrito acima, a curva de juros local em julho retornou aquém do incansável maratonista CDI: IRF-M (0,89%), IMA-B (0,81%) e IMAB-5+ (0,73%). A partir do desenrolar do Copom, em nossas alocações pré-fixadas nominais o ponto chave é hora de recolher os ganhos, dado que grande parte do movimento já ocorreu, trocando parte deste risco por ativos em nossa visão melhores posicionados para os próximos meses (ações de setores domésticos sensíveis a juros e juros reais intermediários).

Na parcela de Renda Variável, mesmo com um mês forte para os ativos de risco e, portanto, de bons frutos na alocação, a nossa carteira de fundos ficou abaixo do Benchmark (seleção negativa). Na parte Internacional, mesmo com a curva de juros seguindo o movimento de abertura, as bolsas continuaram com o movimento forte de apreciação parcialmente absorvidos pela apreciação do Real. Seguimos com underweight na posição em função do dilema entre juros e inflação nas economias desenvolvidas.

Estamos estudando de perto o desempenho dos fundos multimercado neste ciclo, uma indústria majoritariamente abaixo do CDI. O início da melhora de ativos brasileiro foi discretamente explorado por gestores de nossa seleção, salvo dois nomes, ao passo que as maiores perdas vieram da volatilidade globls sobretudo no mercado de renda fixa americana. A partir de junho vemos uma indústria posicionando-se de maneira mais construtiva neste ciclo de queda de juros no Brasil através de posições aplicadas e seleção de ações domésticas, porém de maneira gradual e cautelosa à luz das perdas incorridas ao longo do ano. Na parte internacional, dados recentes de alguma acomodação da atividade americana começam a dissipar a persistente volatilidade nos títulos, o que deve permitir que o mercado de renda fixa global também se estabilize e volte a operar mediante fundamentos. Acreditamos que os fundos apresentarão melhora importante em seus retornos até o final do ano, embora alguns possam encerrá-lo abaixo do CDI. Estamos revisitando nossas seleções em todas classes de ativos.

Um ativo de destaque das carteiras é o fundo BNP Paribas Premium Master RF Ativo, nossa seleção de gestores renda fixa. Por não haver a parcela internacional (em sua maioria detratora) de gestores já conhecidos da casa, os resultados têm sido fortes a partir da virada dos juros em abril. Entendemos que estes ativos seguirão em boa forma na medida em que iniciado o ciclo de cortes, a curva apresentará diversas oportunidades para gestores habilidosos explorarem deslocamentos em nível, relativos, inclinações, curvaturas e entro outros. Este entendimento corrobora o parágrafo acima sobre os multimercados e também justifica redução de nossas alocações direcionais em juros nominal

uma vez que o em nossa análise, a maior parte do deslocamento em nível da curva já ocorreu.

Seguimos com um cenário construtivo para as posições de risco Brasil. Viemos aumentando a parcela de renda variável sobretudo via ETFs nas carteiras e fundos Long Biased nos portfolios livres, posições em juros (reduzindo o nominal no momento, preservando o real), e nesta parcela de renda fixa ativa. A parcela de crédito privado segue estável, com os spreads fechando bastante. Preferimos neste momento ativos bastante líquidos para rápidos ajustes se necessários forem.



Tiago Bellodi Costa Cesar
Head Fundo de Fundos

ÍNDICES

	CDI	IRF-M	IMA Geral	IMA-B	IMA-B 5	Dólar	Ibovespa	IBX	SMLL
Julho	1,07%	0,89%	0,98%	0,81%	0,97%	-1,29%	3,27%	3,32%	3,12%
2023	7,64%	10,59%	9,70%	12,27%	8,08%	-10,40%	11,13%	10,13%	16,80%
12 meses	13,64%	16,77%	14,82%	15,85%	11,58%	-8,33%	18,86%	17,06%	17,26%

DISCLAIMER

Este documento foi produzido pelo Banco BNP Paribas Brasil S.A. ou por suas empresas subsidiárias, coligadas e controladas, em conjunto denominadas "BNP Paribas" e tem fins meramente informativos, não se caracterizando como oferta ou recomendação de investimento ou desinvestimento. O BNP Paribas é uma instituição financeira regularmente constituída, com seu funcionamento devidamente autorizado pelo Banco Central do Brasil e habilitada pela Comissão de Valores Mobiliários para Administrar fundos de investimento. Apesar do cuidado na obtenção e manuseio das informações apresentadas, o BNP Paribas não se responsabiliza pela publicação acidental de informações incorretas, nem tampouco por decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste documento, as quais podem sofrer mudanças a qualquer momento sem aviso prévio. Esse material não caracteriza nenhuma oferta de investimento. Antes de qualquer decisão de investimento, é obrigatório certificar-se sobre o seu perfil de risco X perfil de risco do produto pretendido, nos termos da regulamentação em vigor. Esse documento contém informações e declarações prospectivas referentes ao BNP Paribas e ao mercado em geral. Essas declarações não constituem fatos históricos e abrangem projeções financeiras e estimativas, bem como hipóteses sobre as quais estão baseadas declarações relativas a projetos, objetivos e expectativas relacionadas às operações, produtos e serviços futuros ou performances futuras. Essas declarações prospectivas podem ser identificadas pelas palavras «esperar», «antecipar», «acreditar», «planejar» ou «estimar», bem como por outros termos similares; Informações e opiniões contidas neste documento foram obtidas de fontes públicas por nós consideradas confiáveis, porém nenhuma garantia, explícita ou implícita, é assegurada de que as informações são acuradas ou completas, e em hipótese alguma podemos garantir a sua ocorrência. O BNP Paribas não assume qualquer compromisso de publicar atualizações ou revisões dessas previsões. Este documento foi produzido para uso exclusivo do seu destinatário, não podendo ser reproduzido, ao todo ou em parte, sem prévio consentimento do BNP Paribas. Caso V.Sa. não seja o destinatário pretendido, qualquer divulgação, cópia, distribuição ou qualquer ação conduzida ou omitida para que se baseie nisso, é proibida e pode ser considerada ilegal. O BNP Paribas não se responsabiliza por eventual perda causada pelo uso de qualquer informação contida neste documento. Leia a lâmina de informações essenciais e o regulamento antes de investir. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador, do gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou do Fundo Garantidor de Crédito - FGC. Você poderá acessar a Ouvidoria pelo telefone - 0800-7715999 ou através do e-mail: ouvidoria@br.bnpparibas.com - O horário de funcionamento da Ouvidoria é de segunda-feira à sexta-feira, das 9h às 18h. Acesso: bnpparibas-am.com/pt-br. MATERIAL DE DIVULGAÇÃO, Agosto/2023.



JMM 039.2023